

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Movimentos e protestos sociais em uma região de São Paulo, Brasil.

Maria da Glória Gohn.

Cita:

Maria da Glória Gohn (2009). *Movimentos e protestos sociais em uma região de São Paulo, Brasil. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1610>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Movimentos e protestos sociais em uma região de São Paulo, Brasil

Maria da Glória Gohn¹ Profa Titular
da UNICAMP Pesquisadora do
CNPq
E-Mail: mgohn@uol.com.br

Resumo

O trabalho apresenta um estudo sobre o processo de urbanização em São Paulo, destacando um de seus bairros mais contraditórios: o Morumbi. Neste bairro, o objetivo central é estudar as formas de associativismo existentes. Resgata-se, de um lado o imaginário sobre o luxo e a riqueza que conferiram ao Morumbi o *status* de “morada dos nobres”; e de outro, o processo de pobreza e exclusão social que demarcou a ocupação de seu território. A região abriga, na atualidade, a segunda maior favela de São Paulo -Paraisópolis, a quinta no Brasil e a quarta da América Latina. Dada a complexidade do bairro/região do Morumbi/SP, em termos socioeconômicos, os dados são analisados em dois momentos-o primeiro, mais geral retratando o cenário de suas paisagens, analisando as mudanças ao longo dos últimos 30 anos, tanto no que se refere a verticalização de moradias, como a criação de pólos de consumo de luxo; o segundo-retrata a expansão e o crescimento de suas favelas no mesmo período, analisando a sociabilidade na associação de moradores da região de Paraisópolis, os principais projetos sociais que lá são desenvolvidos e os movimentos sociais que atuam na mesma.

Apresentação

O Brasil na atualidade é palco de inúmeros movimentos, lutas sociais, e novas redes de associativismo civil, tanto por parte da sociedade civil -com iniciativas inovadoras que vão de atos de resistência pacífica, desobediência civil, movimentos sociais, cooperativas de produção, fóruns e assembléias permanentes, redes de ONGs, observatórios da cidadania de acompanhamento de políticas públicas etc.; como por parte da sociedade política, com ações coletivas mais institucionalizadas, em parceria entre representantes do poder público e representantes da população organizada, como nos diversos conselhos e câmaras de gestão existentes.

Os anos 80 do século passado foram a fase movimentalista dos movimentos populares - ações organizadas a partir de dentro das comunidades para fora, a exemplo da área da saúde onde chegaram a criar conselhos populares. A partir dos anos de 1990 o cenário se altera, novíssimos personagens entram em cena, como as modernas ONGs e entidades do

¹ Colaboraram na fase de coleta de dados sobre a favela de Paraisópolis/SP, na pesquisa que deu origem a este trabalho, os seguintes bolsistas PIBIq/CNPq: Caroline Almeida de Carvalho e Antonio Carlos de Angelo, ambos da UNINOVE/S.Paulo.

Terceiro Setor – muitas delas com articulações com empresas e suas políticas de responsabilidade social. Inicia-se uma fase mobilizatória - ação de fora para dentro das comunidades. Mas os movimentos não desaparecem, criam e atuam em redes, formam fóruns, tornam-se protagonistas das novas políticas sociais no Brasil, junto com as Ongs e outras entidades do terceiro setor. Nos anos 2000, é o movimento de luta pela moradia popular o mais organizado e o grande articulador das mobilizações que ganham visibilidade na mídia

O destaque que registramos é: há um novo associativismo, localizado prioritariamente no urbano, e ele é novo na forma de se organizar, nas demandas e nas práticas desenvolvidas. Ele é ativo e propositivo, não se limita às camadas populares, atua em rede e se articulam com uma nova esfera pública - que cria espaço de interlocução, debates, proposições. Esse associativismo é herdeiro da trajetória de inúmeros sujeitos sociopolíticos na sociedade civil brasileira, representados por movimentos sociais, ONGs, associações de moradores, CEBS e outras entidades. A herança da militância em movimentos sociais nos anos 70/80 deixou marcas diferenciadas. A influência das práticas da ala progressista da Igreja Cristã junto à organização popular fez do tema da autonomia um recurso estratégico, utilizado de diferentes formas pelos movimentos. Abre-se com isto possibilidades para uma participação com controle social mais efetivo, menos cooptada e menos caudatária às redes de clientelismo.

As organizações populares, tradicionais e novas, têm enfrentado desafios inéditos para se readaptarem à nova conjuntura. Relações de novo tipo têm sido propostas por órgãos governamentais e agências multilaterais, em processos massivos e sistemáticos de participação comunitária. Novas formas de organização têm sido criadas sob a forma de fóruns específicos ou transversais, assim como novas redes temáticas têm se formado, em articulações eventuais ou mais permanentes, onde se juntam movimentos de moradia, saneamento, transporte, de jovens, mulheres, negros, grupos culturais, atividades artísticas e ativistas ambientais e sindicais etc. fazendo dos problemas sociais e das políticas públicas, tema e objeto renovado de ação.

Para exemplificar o novo associativo existente no Brasil neste novo século, este trabalho apresenta uma pesquisa realizada em São Paulo, destacando um de seus bairros mais contraditórios: o Morumbi. Resgata-se, de um lado o imaginário sobre o luxo e a riqueza que conferiram ao Morumbi o *status* de “morada dos nobres”; e de outro, o processo de pobreza e exclusão social que demarcou a ocupação de seu território. A região abriga, na atualidade, a segunda maior favela de São Paulo (Paraisópolis) e a quarta da América Latina. Dada a complexidade do bairro/região do Morumbi/SP, em

termos socioeconômicos, os dados são analisados em dois momentos- o primeiro, mais geral- retratando o cenário de suas paisagens, analisando as mudanças ao longo dos últimos 30 anos, tanto no que se refere a verticalização de moradias, como a criação de pólos de consumo de luxo; o segundo- retrata a expansão e o crescimento de suas favelas no mesmo período, analisando a sociabilidade na associação de moradores da região de Paraisópolis, os principais projetos sociais que lá são desenvolvidos e os movimentos sociais que atuam na mesma.

Transformações Urbanas: o cenário do novo território do Morumbi

Esta pesquisa selecionou para estudo a Zona Sudoeste de São Paulo, e nela a atual subprefeitura do Butantã que compreende os seguintes bairros. Butantã, Morumbi, Raposo Tavares, Rio Pequeno, Vila Sônia e Jaguaré. Este paper abordará, por questão de espaço, apenas dois desses bairros: o Morumbi - o mais contraditório deles, e a Vila Sônia. A escolha da região e dos bairros da Subprefeitura do Butantã deve-se a dois critérios: o primeiro alicerçado no passado, de caráter histórico e o segundo deve-se as novidades atuais que a região apresenta em termos do padrão predominante de urbanização em São Paulo por muitas décadas. Assim, há 25 anos atrás realizamos pesquisa sobre as Sociedades Amigos de Bairros da Zona Sul (trabalhamos na época nas Regiões Administrativas-ARs, de Santo Amaro e de Campo Limpo (essa última foi um desmembramento da primeira). Eram regiões periféricas que além de caracterizar o padrão de urbanização vigente na época: centro-periferia, desenvolvimento em círculos concêntricos, elas concentravam um grande número de SABs (responsáveis em grande parte pela obtenção da infra estrutura urbana mínima e melhorias nos bairros). Essas regiões também foram palco, naquela época, de vigorosos movimentos sociais, notadamente os articulados pelas Comunidades de Base da Igreja-CEBs. (Movimento Custo de Vida/Carestia, Movimento de Luta por Creches etc.).Eram também regiões dormitórios de trabalhadores que migraram para São Paulo e vieram trabalhar no *boom* da construção civil dos anos 70/parte dos 80, patrocinado pelo extinto BNH, nas regiões que se verticalizaram quase completamente e se tornaram "nobres": Moema, Campo Belo, Brooklin, Vila Mariana, Jardins, Pinheiros etc. A Zona Sul periférica era também o local de moradia da maioria das mulheres que passaram a trabalhar nos serviços domésticos nas novas áreas nobres verticalizadas (por isso vários movimentos populares, compostos basicamente por mulheres, como o Movimento por Creches, nasceu e se tornou forte, na Zona Sul de São Paulo).

Na atualidade observa-se uma mudança do padrão de urbanização, de segregação concêntrica contínua no território para padrões mistos (áreas nobres se formam em lugares antes de camadas médias baixas, e ocupações populares invadem brechas nestas áreas e lá permanecem como enclaves). Esta tendência já havia sido detectada por Caldeira (2000) ao longo dos anos 90. Grande parte dos bairros que estudei e caracterizei nos anos 70 como regiões periféricas, na região de Campo Limpo, tais como a Vila Andrade (que abrange grande parte do lado esquerdo da Av. Giovanni Gronchi até Av. Morumbi, Marginal de Pinheiros, encerrando-se na região da ponte de Socorro), atualmente estes bairros estão ocupados por prédios de luxo ou prédios para camadas média, com grandes áreas de lazer e equipamentos, mudando o padrão de ocupação social da região. No início deste milênio observa-se a instalação de lojas e serviços de grifes na região, antes

localizadas apenas na região dos Jardins. O Shopping Jardim Sul foi o pioneiro na reformatação do perfil de consumo da região, completando-se, recentemente, com o Shopping Cidade Jardim, o mais luxuoso da cidade. Muitas habitações populares ainda permanecem nessas regiões mas o grande crescimento populacional se deu com as inúmeras favelas que se formaram na área (ou se expandiram pois já eram núcleos de favelas antes do *boom* de crescimento verticalizado). Elas se localizam principalmente ao longo de alguns córregos, ainda não canalizados, e na grande área “buraco entre a Av. Morumbi e Av. Giovani Gronchi, onde se localiza a favela Paraisópolis.. O maior exemplo situa-se no que atualmente a propaganda e o marketing do mercado imobiliário denomina como "Morumbi". Na realidade há o bairro do Morumbi (antigo, dos casarões e agora também com condomínios horizontais de alto luxo), e o "Novo" Morumbi, ressignificado pelo marketing imobiliário.

Decorre daqui nosso segundo critério: a reconfiguração de parte da região que analisamos no passado, seguindo um modelo predominante na Zona Oeste da cidade - verticalização e moradia de camadas médias e altas, com novidades que são os novos núcleos de favelas que surgiram ou se expandiram, como enclaves, configurando um padrão misto de ocupação do solo em termos de classes sociais. Essa mudança altera profundamente a análise da configuração urbana indica profundas alterações para o futuro pois os eixos vetores da expansão imobiliária e de serviços tendem a se adensar num dos bairros que selecionamos: Vila Sônia, assim como construir novos padrões de serviços, comércio, lazer e entretenimento no novo Morumbi-antes só de uso residencial e horizontalizado. Na Vila Sônia, entre janeiro a outubro de 2008, foram lançadas 2332 novas unidades de apartamentos para venda, tendo em vista a próxima inauguração da linha 4 do Metrô, com estação prevista para 2012 no bairro. O novo Morumbi expandido é verticalizado e misto-no uso e nas classes sociais que o habita. A seguir desenvolveremos um pouco mais os argumentos que alicerçam nossa hipótese de trabalho: a mudança do padrão de urbanização. Os indicadores dessa mudança estão: no Plano Diretor, nos novos equipamentos e vias de transportes inaugurados ou em construção (Metrô e Rodoanel), na região; o desenvolvimento do comércio e a expansão dos *shopping centers*, a ocupação e a expansão imobiliária . Segundo informações contidas no CD "São Paulo: Dinâmica e Transformações"(Instituto Florestan Fernandes, 2001), " Historicamente, a verticalização residencial se deu no Centro/Sudoeste da cidade, correspondendo aos distritos de maior renda . No período examinado (1985/2000) a produção de prédios de alto padrão com unidades de 3 e 4 dormitórios continuou seguindo o mesmo critério, operando nos enclaves tradicionais de média e alta renda. Na primeira década deste novo milênio, a verticalização voltada para a moradia das camadas médias avançou para regiões antes tidas como populares.

Como sabemos o Plano Diretor de São Paulo aprovado no início desta década, alterou os critérios de zoneamento da cidade e a divisão/agregação do uso do solo de São Paulo. As 19 Zonas então existentes foram reduzidas para cinco categorias: proteção ambiental, mista, estritamente residencial, industrial/residencial, misto, e as Zeis (zonas Especiais de Interesse Social, para regularização de favelas, loteamentos clandestinos e outros tipos de habitação inadequada). Aprovado em Agosto de 2002 pela Câmara Municipal de São Paulo, e sancionado em setembro do mesmo ano, o Plano estabeleceu um

cronograma de trabalho, dividido em três etapas, para que as 31 subprefeituras elaborassem seus planos regionais. e constituiu-se numa oportunidade para a reativação do papel das Sociedades Amigos de Bairros, Associações de Moradores, Associações de Favelas, etc. e para o surgimento de novos movimentos sociais, na área da Segurança e Cidadania; e para a legitimação - pela mídia escrita, de alguns movimentos que já existiam mas não eram tão conhecidos pela a opinião pública, a exemplo do "Defenda São Paulo", "Viva Centro", "Paulista Viva"etc. assim como resgatou o papel do profissional do urbanismo como ator relevante-elaborando propostas ou criticando-as/comentando-as na mídia. A participação das entidades se fez predominantemente nas etapas 1 e 2 pois elas objetivam, segundo o Secretário de Planejamento Urbano, Jorge Wilhelm captar "respostas locais àquilo que é o objetivo do plano regional, onde se pode melhorar o ambiente, a habitação, o que há para preservar e quais os centros de bairro a serem dinamizados" (*Folha de São Paulo*, 16/10/2002, C1).O Plano voltou a ser rediscutido em 2008 e deverá sofrer novas modificações.

Outros indicadores que estão produzindo mudanças no padrão de ocupação atual do solo em São Paulo, em termos de distribuição das classes sociais pelo território e formas de segregação/agregação existentes são: o plano de expansão do Metrô Paulistano para a região da subprefeitura do Butantã (linha 4 já inaugurada (Socorro/Santo Amaro), "metrô de superfície" (utilizando os trilhos .ao longo da Marginal do Rio Pinheiros), e a linha 5 (Luz/Vila Sônia) com previsão de conclusão do primeiro trecho que servirá a região, para 2010 e o segundo para 2012. Na área do transporte temos os efeitos na região a partir da construção de corredores de ônibus e do Rodoanel, com mais um trecho a ser concluído em 2010, retirando os caminhões de carga que necessariamente cruzam São Paulo para se dirigirem para as rodovias dos Imigrantes/Anchieta.Outros indicadores são dados pela reurbanização e intervenções na própria Marginal de Pinheiros (com propostas de despoluição do rio etc.). O *boom* de expansão que se observou ao final dos anos 90 em certos trechos da Marginal do Rio Pinheiros, ao redor da Av. Berrini, aumentou muito neste novo milênio, com a construção de hotéis de luxo, grandes prédios envidraçados que abrigam sedes de empresas multinacionais, e grandes casas de espetáculos.Este boom tende a atingir toda extensão dessa Marginal, notadamente no trecho oposto à Av. Berrini, na região do CEASA (que irá se transferir para perto do Rodoanel).

Com tudo isso, a tendência é uma ampliação da região central da cidade a partir de outros códigos: não se limitar ao centro histórico-que também está sendo reurbanizado/recuperado) mas ampliar-se em termos do que se institucionalizou via a malha viária que ordena o rodízio de carros. As vias marginais (dos rios Pinheiros e Tietê) são as delimitações deste novo centro ampliado e a expansão deverá ocorrer em eixos para além dos rios, notadamente o rio Pinheiros. Na Zona Norte de São Paulo há obstáculos geográficos (Serra Cantareira, mananciais etc.), assim como na Zona Sul dado pelas represas que abastecem grande parte da água potável da capital. A Zona Leste, com raros bolsões ou "ilhas de excelência", o padrão popular e para camadas médias consolidou-se - lá se instalaram os grandes conjuntos de habitação verticalizado nos anos 80, e ao longo dos anos 90 novos projetos do CDHU/ESP e Prefeitura para lá se dirigiram, margeando a Rodovia Dutra e Rodovia Ayrton Senna. Até os parques construídos na Zona Leste se

denominam "do Trabalhador", assim como a nova universidade pública- novo campi da USP, apresenta cursos diferenciados para uma demanda profissional mais regionalizada e focada em profissões mais operativas. Há na Zona Leste pequenos enclaves de camadas de alto poder aquisitivo, usualmente comerciantes e moradores antigos desses bairros, como o jardim Anália Franco, na região do Tatuapé. A Zona Oeste, principalmente Alto de Pinheiros, Lapa e parte do próprio Butantã vem cristalizando o padrão de ocupação das camadas de maior poder aquisitivo e o preço do solo é bastante elevado. A região do Jaguaré, também na Zona Oeste, antiga zona cerealista, está se transformando neste novo milênio na zona de grandes projetos habitacionais, principalmente impulsionados pelo poder público, voltado para habitações mais populares.

Na Zona Sul localizam-se os distritos mais pobres, assim como os maiores índices de violência urbana são: M'Boi Mirim, Socorro, Capão Redondo, Campo Limpo, Cidade Ademar, destacando-se os bairros de Marsilac, Capão Redondo, Jardim Ângela etc. No extremo da Zona Sul estão subprefeituras com características rurais como Parelheiros onde encontramos inclusive comunidades indígenas que lá vivem há séculos. A divisa da Zona Oeste com a Sul, há subprefeituras que devem ser caracterizadas como regiões mistas - embora haja predominância da moradia e do comércio popular, o novo padrão verticalizado está avançando e ressignificando certas áreas, como grande parte de Campo Limpo que ainda não foi "Morumbizado", e toda a área da Marginal de Pinheiros-perto da ponte de Socorro, atrás do Panamby e do Parque Burle Marx, que se elitiza.

Para finalizar a lista de nossos indicadores de transformações na paisagem urbana paulistana citamos ainda o fator indutor Shopping Centers. Sabemos que eles diferenciam-se em tamanho, classe social/usuária, equipamentos oferecidos, padrão e estilo da arquitetura etc. embora quase todos contenham os mesmos elementos: artigos para consumo individual ou familiar. No caso da subprefeitura selecionada existe shopping centers para os ricos – Morumbi, Jardim Sul, Cidade jardim, D&D etc; e para os populares, a exemplo do Shopping Campo Limpo ou o Shopping Raposo, já no início da Rodovia Raposo Tavares, ou o Butantã. Eles demarcaram o perfil da população usuária da região: o Shopping Morumbi, o mais antigo deles, localizado perto da ponte do Morumbi, na Marginal Pinheiros, também chamado shopping da família dado o grande número de oferta de serviços de lazer, ele ainda atende parte da clientela do Morumbi tradicional, contendo inclusive uma ala só de lojas de grifes internacionais (a exemplo do Shopping Iguatemi); o Shopping Jardim Sul, atende a nova classe média alta do novo Morumbi expandido ao longo da Av.Giovanni Gronchi (no início oferecia condução gratuita para os grandes condomínios verticalizados da região como o Portal do Morumbi, Quintas do Morumbi, Portal da Cidade etc.); o Shopping Portal do Morumbi; o Shopping Vila Lobos, na Marginal do Pinheiros, ao lado do Parque Vila Lobos. O último a ser inaugurado foi o Shopping Cidade Jardim,- é um shopping diferenciado, com lojas de grifes internacionais, ou lojas de magazines de alto luxo, como a Daslu, e seus produtos são singulares não pertencentes as redes mais usuais presentes nos demais shopping citados.Seu acesso é exclusivo para carros e o valor do estacionamento é alto. Há outros shopping específicos na região como o D&D, também na Marginal do Pinheiros destinado a arte e decoração da casa; o Marketing Place defronte ao

Shopping Morumbi . O Shopping Eldorado e o Butantã têm padrão mais de consumo de massa, sendo que este último, o Butantã, é o mais popular e único que não cobra (ainda) pelo estacionamento em suas garagens. Há planos de se construir outros shopping destinados a camadas de alto poder aquisitivo como o shopping previsto para ser vizinho do São Paulo Esporte Clube, perto do Hospital Einstein e do Palácio do Governo do Estado de São Paulo.

No campo da cultura, a região selecionada para este estudo é multicultural. Há organizações e manifestações de todas as camadas sociais, predominando as que são ofertadas às camadas abastadas. Assim, além de salas de cinema, teatros-ao longo da marginal do rio Pinheiros, há museus (poucos mas expressivos como o museu no interior da Casa da Fazenda, o museu do futebol, no interior do São Paulo Futebol Clube, a Casa Bandeirante etc). Há também relíquias populares como o Castelo de Estevão da Silva Conceição- uma casa na favela Paraisópolis que foi transformada em um tipo de museu de cocos, cerâmicas e objetos. O castelo parece ter se inspirado no espanhol Gaudi mas seu criador, Estevão, que é ex-pedreiro e ex-jardineiro, e tem só com o curso fundamental de 1º ciclo(ex-primário)., afirma que só conheceu referências às obras Gaudi depois que se tornou conhecido na região. Ele ganhou, inclusive uma viagem à Barcelona para conhecer in loco, seu “modelo padrão”. Hoje Estevão já tem carreira própria, ele assinou uma das “vacas” expostas na *Cow Parade* em 2005. Mas continua morando em Paraisópolis e sua casa Studio é aberta para visitaçao mediante pequeno valor para ingresso. Na favela de Paraisópolis há também a Casa do Norte e salões de forró, tendo em vista que a maioria da população local é originária do Nordeste brasileiro. No campo popular, dentre os inúmeros projetos sociais existentes na região que trabalham com as camadas populares destaca-se a ONG ‘Meninos do Morumbi’.

2- O Morumbi² na Atualidade: Expansão das 'Áreas Nobres' e das Favelas

² Segundo os historiadores, o Morumbi foi povoado em meados do século XVI pelos jesuítas até que o Fisco Real, órgão controlador de terras na colônia os expulsou na época pombalina, em 1750. No século XVIII ele adotou "ares de nobreza" quando D. João VI desejou oferecer aos nobres da Corte um chá de melhor qualidade. Ele teria presenteado um produtor inglês, John Maxwell Rudge com um terreno para o cultivo do chá, iniciando assim a plantação de chá no Brasil, na Fazenda Boa Vista do Morumbi, que hoje ocupa uma área de 8.000 m² e lá está localizada a Casa da Fazenda. A Casa da Fazenda foi construída em 1813 pelo Regente do Império, Pe Antonio Feijó. Após a abolição da escravatura no Brasil, em 1888, o cultivo do chá entrou em decadência e com ele a Fazenda Boa Vista do Morumbi. Só em 1940 o antigo casarão foi reconstruído, mantendo seu estilo colonial que veio a inspirar muitas mansões do bairro, em sua ala tradicional, horizontalizada. Atualmente tomar o chá da tarde na Casa da Fazenda do Morumbi é um programa cultural e uma arte gastronômica. O Casarão tem abrigado também exposições de artistas e mostras de artesanatos produzidos com o apoio de entidades do Terceiro Setor patrocinado por empresas assim como sede de grandes eventos sociais tais como casamentos de personalidades, a exemplo do jogador de futebol Kaká com Cristina Onassis. O nome Morumbi advém do tupi-guarani. Há controvérsias quanto ao seu significado mas citam-se: colina verde em forma de cone, mosca verde, e luta oculta. Qualquer que seja o real significado, os "nobres" também já lutaram para defender o Morumbi: em 1974 os moradores se organizaram para impedir que o Bosque do Morumbi (localizado perto da Ponte Cidade Jardim na Marginal Pinheiros, fosse privatizado. É interessante lembrar que o Morumbi era parte de Santo Amaro-que foi independente de São

Tereza Caldeira assinala: "O Morumbi e a Vila Andrade tiveram um significativo crescimento populacional nos anos 80. Apesar do Morumbi ser um bairro de classe alta há pelo menos 25 anos, ele mudou radicalmente depois do início da década de 80. O que era um bairro de enormes mansões, terrenos vazios e áreas verdes, foi transformado, depois de uma década de construção frenética, num distrito de edifícios. No final dos anos 70, ele foi "descoberto" por incorporadores imobiliários que decidiram aproveitar o baixo custo dos terrenos e o código de zoneamento favorável e o transformaram no bairro com o mais alto número de novos empreendimentos imobiliários da cidade durante os anos 80 e 90. [...] a novidade no Morumbi e na Vila Andrade não é só o volume de construção, mas também o tipo de construção: os conjuntos habitacionais murados (Caldeira, 2000: 244-245).

Conforme assinalamos anteriormente, se olharmos no mapa de São Paulo o distrito do Morumbi propriamente dito abrange uma área pequena. Mas a força do capital imobiliário, via a propaganda e o marketing, expandiu a região, para efeito da venda de apartamentos, para uma área grande, o novo Morumbi que pode ser delimitada por um quadrilátero: da Marginal do Rio Pinheiros até a Av. Guilherme Dumond Vilares (na divisa com a Av. Prof. Francisco Morato), da Ponte Eusébio Matoso à Ponte da João Dias. Na realidade temos um aglomerado de loteamentos que foram surgindo com o nome de "Jardim, Vila, Parque, Cidade, Chácara, Granja, Hípica, etc.

O novo Morumbi incorpora o Distrito de Vila Andrade, distrito esse que teve o maior crescimento da cidade de São Paulo no período entre 1990-2000: 70%, concentrando 5,8% do total de oferta de imóveis novos no início de 2002. A Vila Andrade foi a região campeã de lançamentos imobiliários nos últimos dez anos e trouxe para a região a sofisticação e os serviços especializados criados nos últimos 5 anos na região do Morumbi, serviços que antes eram existentes apenas nas áreas nobres como Jardins, Higienópolis, Vila Mariana etc. O grande número de colégios e escolas particulares e o preço do m² em unidades de luxo, explicam a procura e o grande crescimento do novo Morumbi. Na Vila Andrade localiza-se o Parque Burle Marx, projetado no final dos anos de 1940 mas só efetivado como área de lazer 50 anos depois. Também está localizada lá a região do Panamby, que contém os condomínios verticais mais sofisticados da região. A partir do ano 2000, a construtora Camargo Correa iniciou um amplo projeto de construção de prédios residenciais de luxo no bairro, denominado inicialmente como "da mata" (Raízes da Mata, Terras da Mata, Luzes da Mata etc), lançando em 2007 um outro mega-empreendimento " Jardim Sul", além de prédios comerciais, todos ao redor do sofisticado Shopping Jardim Sul. Mas o Morumbi não é apenas a morada das camadas de alto poder aquisitivo. Contrastando com a forma de ocupação concentrada que caracterizou a urbanização de São Paulo até 1970 - em que a segregação sócio-espacial entre zonas centrais e periféricas crescia em forma anelada - o Morumbi foi ocupado simultaneamente pelos loteamentos de alto padrão e pelas favelas formando um mosaico onde, um morro ou uma declividade, ou até mesmo uma rua, pode separar a moradia destas camadas socioeconômica, gerando um padrão híbrido de ocupação do território.

Paulo, e o transporte do Morumbi para São Paulo realizava-se via uma balsa no Rio Pinheiros, navegável na época.

O Distrito da Vila Sônia é composto por 43 bairros (ou loteamentos) destacando-se Vila Sônia, Vila Morse, Vila Inah, Quintas do Morumbi, Jardim Colombo, Monte Kemel, Jardim Jacqueline, Jardim Independência, L'Habitare, J. Educandário, Núcleo Bandeirantes etc. Vila Sônia propriamente dita é um bairro tradicional de colonização japonesa tendo inclusive uma avenida que se chama: "Imigrante Japonês". Na Vila Sônia observa-se um grande parcelamento do solo, e a predominância de camadas médias; condomínios de alto padrão ou bairros estritamente residencial, são poucos. Mas a tendência tem sido a da transformação do padrão médio para a verticalização em alto padrão devido ao encarecimento de outras áreas do Morumbi, a chegada do metrô etc. O que existe atualmente é um padrão misto onde a mudança entre o alto padrão e o médio, ou até mesmo o popular, é brusca. A Av. Francisco Morato-principal via de articulação bairro-centro da região da Vila Sônia, está em processo de transformação de seu perfil em vários trechos, com o lançamento de altas torres de aptos para moradia, perto das estações do metrô, e abertura de lojas de redes de grandes supermercados, como o Wall Mart que juntou-se ao Carrefour e ao Pão de Açúcar, num espaço separado por uma quadra. Dentre os bairros de Vila Sônia, Vila Morse está localizada numa baixada, com ruas íngremes, povoada por moradores antigos da região, de classes populares e está também passando por uma completa reestruturação nos últimos anos: as casas populares estão sendo adquiridas por construtores de porte médio que lá constroem conjuntos de sobrados (usualmente aos pares). A Vila Morse é cercada pelos "nobres" - a Vila Inah - área de casas de alto padrão, Z 1, Jardim Leonor, e o Condomínio Quintas do Morumbi - uma antiga chácara de 60 mil m² que foi transformada pela Construtora Líder, entre 1995-2000, em um condomínio com 11 torres. Manteve-se o bosque e o pomar originais e o casarão da chácara mas muitas árvores foram retiradas para dar lugar ao clube de lazer que foi implantado no empreendimento. O Jardim Colombo - que também dá nome a um dos poucos ônibus coletivos que circula na região, fica na zona pobre do distrito e está quase todo tomado pela favela do mesmo nome. Monte Kemel também é uma área popular, com córregos a céu aberto, próxima a cemitérios.

As Favelas do Novo Morumbi e da região da Vila Sônia

Em 1987, havia 233.429 pessoas morando em favelas no distritos do oeste e sudoeste da cidade, o que correspondia a 28,62% dos moradores de favelas de São Paulo, Em 1993, os moradores de favelas desses distritos aumentaram para 482.304, o que representava 25,36% dos residentes de favelas de São Paulo (São Paulo, SEMPLA, 1995:76; apud in Caldeira, 2000:247). Em 2000, a população que morava nas principais favelas da nova região Morumbi era estimada em 47,7 do total da população do Morumbi propriamente dito, ou seja, quase a metade. A região insere-se parte na Sub Prefeitura do Butantã e parte na do Campo Limpo. Segundo a administração do Butantã, havia no início dos anos 2000, 54 favelas na área de sua responsabilidade, com um total de 350 mil habitantes. Já na Administração da Região do Campo Limpo- onde situa-se parte da Vila Andrade e a favela Paraisópolis, em 2003 registrava-se 2387 núcleos de favelas. No perímetro que delimitamos nesta pesquisa - o Novo Morumbi, além de Paraisópolis

destacam-se quatro outras favelas: Real Parque, Jardim Panorama, Porto Seguro, Jardim Colombo I e II.

Paraisópolis foi selecionada neste trabalho porque é a maior e a mais peculiar. Ela é a segunda maior favela de São Paulo, a quinta no Brasil (e a quarta na América Latina). Ela tem 89 mil moradores, ocupa 1,5 milhão de m², cerca de 21 mil moradias (uma boa parte já em alvenaria mas há ainda centenas de barracos que custavam em média de 5 a 10 mil reais para compra, antes dos acontecimentos de 2009, a serem relatados adiante.). Mas há também sobrados e construções mais antigas e sólidas que alcançavam valores acima de 50 mil. Em 2000 o censo do IBGE registrou 65 mil habitantes sendo 13 mil crianças. Em 1996, segundo dados do IBGE, a população da favela Paraisópolis correspondia 45% dos habitantes da Vila Andrade, distrito onde ela se localiza. Em 2008 este número já atingia a cifra de 80 mil habitantes. Em 2009, noticiou-se 89 mil, com renda média de R\$ 614,43 (*Folha de São Paulo*, 3/2/2009, C1.). Calcula-se que 80% da população local seja de origem do Nordeste do Brasil porque a região foi, e continua sendo, um grande espaço de acolhimento de migrantes daquela região. Inicialmente eles vieram para São Paulo para trabalhar. Os migrantes vieram para trabalhar na construção do estádio do São Paulo, alguns ficaram na região e depois foram trabalhar na indústria da construção civil como pedreiros e outros ofícios.- que teve um *boom* nos anos 70- 80. A maioria daqueles trabalhadores foram os “receptionistas” de centenas de parentes e conhecidos do Nordeste, em seus barracos na Paraisópolis, e hoje, grande parte deles são os faxineiros e porteiros dos edifícios que ajudaram a construir, e suas mulheres e filhas trabalham como empregadas domésticas nas centenas de apartamentos que foram construídos depois de 1980 na região.

. Em 2008, segundo a Secretaria Municipal de Habitação de S. Paulo, o índice de desemprego na favela era de 22,6%. Paraisópolis é a única, dentre as 1573 favelas de São Paulo, cuja área não pertence ao poder público ou a um pequeno número de proprietários. Ao contrário - era um loteamento muito antigo, alguns citam os anos 20 do século passado como sua origem, ou mais precisamente 1923. Eram lotes grandes e chegou a ter 2529 proprietários. Com a construção do estádio do São Paulo na região nos anos 50, a transferência do governo estadual para o Palácio do Morumbi etc. a região foi tomando “ares” de nobreza, lugar de acolhida para mansões para as elites, que foram se deslocando dos Campos Elíseos, no início do século XX, para Higienópolis e Av. Paulista, a partir dos anos 30; e para os Jardins, nos anos 40/50. Nos anos 60, o ciclo de novos loteamentos que se abriu, encontrou na região do Morumbi áreas propícias. Era o sonho da casa própria via a construção de uma mini- mansão, para muitos profissionais liberais, professores universitários, comerciantes etc. Ou seja, as novas camadas médias então ascendentes.

Nos anos 70 ocorreu o *boom* da construção civil na Zona Sul de São Paulo e o grande fluxo migratório do Nordeste para a capital- este fluxo já havia nos anos 60, mas não com a intensidade que ocorreu, por exemplo, para a construção de Brasília. Em São Paulo, a partir dos anos 70, ocupar terrenos passou a ser a forma dos operários da construção civil alugar-se pois canteiros de moradia na própria obra não eram usuais. Assim surge Paraisópolis, singular também por ter sido criada a partir da ocupação de um loteamento de classe média. Este fato gerou casos pitorescos e ações judiciais e, posteriormente, dificuldade para iniciativas de regularização das ocupações -

como o caso de proprietários das camadas médias que tiveram seus terrenos invadidos nas décadas de 70/80 e pararam de pagar os impostos porque o poder público também não promovia a desocupação da área. O não-pagamento gerou dívidas astronômicas com o fisco municipal. Em 2007 foi promulgado um decreto no qual estes proprietários poderiam fazer a doação dos terrenos na Paraisópolis, em troca de abatimento das dívidas dos impostos, ou trocar a dívida por certificados da Prefeitura de potencial construtivo- aqueles que podem ser vendidos a construtoras interessadas em erguer edifícios em regiões onde é possível a troca de limites de zoneamento. O ano de 2007 foi também o início de implantação do plano de regularização fundiária e urbanização da favela pois seu contingente populacional era de tal ordem, que não se tratava mais de retirar a população invasora mas sim de regularizar a ocupação. Criou-se um Conselho Gestor de Urbanização de Paraisópolis o qual elaborou um plano de obras para transformar, gradativamente, a favela em um bairro popular.

Panorama é a menor favela da região, com 2 mil habitantes e 280 domicílios, ela está encravada na área mais valorizada do distrito de Vila Andrade. Real Parque tem 18 mil habitantes e situa-se na área de transição e de expansão e *boom* imobiliário dos anos 80 (prédios residenciais de alto padrão) e anos 90 (escritórios e hotéis de luxo, no lado oposto da famosa Av. Berrini, na Marginal do Rio Pinheiros). A favela Real Parque e Jardim Panorama são próximas e formam um aglomerado. Existia, em 2003, 11 entidades instaladas na área e que atuavam com suas populações, indo de associação de moradores, a Igrejas (católica, Anglicana e seitas várias), Instituto de Cidadania Empresarial, com uma unidade do Projeto Casulo, equipamentos de educação da prefeitura-uma escola e uma creche, e até uma associação comunitária indígena pois há 580 índios Pankararó (originários de Pernambuco), que habitam no local. Havia um conjunto residencial Cingapura na entrada da Favela Real Parque, com cerca de 2500 moradores. Além das 11 entidades, que formaram uma rede, há inúmeras instituições externas atuando no local via projetos e convênios tais como a PUC/SP, a Politécnica da USP etc.

Nos últimos anos surgiram favelas também ao lado da pista direita da Giovanni Gronchi, sentido bairro, tais como Jardim Colombo II, Vila da Praia, Rebouças. Enquanto as favelas do lado esquerdo da Giovanni localizam-se em regiões de baixadas e perto do cemitério Morumbi (Paraisópolis, Porto Seguro) ou ao lado da Marginal do Pinheiros (Real Parque e Panorama); as novas favelas da direita situam-se em morros íngremes ou atrás dos dois cemitérios existentes: da Paz e Gestsemani. A Favela do Jardim Colombo II localiza-se atrás do Colégio Santo Américo e vários de seus moradores participam de programas pastorais desenvolvidos pela Igreja São Bento- do Mosteiro São Geraldo de São Paulo. A igreja está situada ao lado do Colégio Santo Américo que atende a uma clientela de filhos da elite paulistana. A paróquia desenvolve também programas sociais junto a comunidade da favela, além de cursos de capacitação para o trabalho, atingindo jovens e mulheres, programas pastorais etc. além de manter dois centros de educação infantil em Paraisópolis.

A maioria das favelas da região estudada se localizam numa ex-área Z 8 (com o novo Plano Diretor elas passaram a ter incentivos com a criação das Zeis-Zonas Especiais de Interesse Social).O Estatuto da Cidade, aprovado em

2002 no plano federal, dá condições jurídicas para a ação do poder público nessas regiões.

O Associativismo entre os Moradores do Novo Morumbi e da Vila Sônia

Existia em 2005, 149 entidades associativas listadas pela subprefeitura do Butantã atuando em 133 agrupamentos de moradia na região do Morumbi/Vila Sonia(vila, jardim, conjunto residencial grande, etc.). Das 149 entidades, 89 eram associações de moradores que levam diferentes denominações: sociedades amigos de bairros (a mais tradicional em São Paulo, e a mais comum na região estudada), centro comunitário, união de moradores, associação de cidadãos etc. Existia seis movimentos sociais, assim nomeados: dois de moradia - sediados em bairros, dois movimentos de sem-teto, localizados em áreas de ocupação que não são ainda favelas, um movimento de Defesa do Cidadão, e um movimento de preservação, o "Defenda São Paulo"-que atua em toda capital. Há um Comitê de combate às Enchentes, especialmente do Rio Pirajussara, várias ONGs, algumas famosas como a já citada Meninos do Morumbi; fundações ligadas a casas culturais como a Fundação Oscar Americano; associações de empresários que atuam na área social ou em obras públicas; centros de convivência para jovens, associações culturais e científicas como a Casa do Sertanista, ou associações científicas na região da Universidade de São Paulo; há ainda inúmeras entidades assistências, filantrópicas ou beneficentes, atuando principalmente junto a creches e pré-escolas.

Na região do novo Morumbi, também em 2005, concentrava-se 30 das 89 Associações de Moradores da região do Butantã sendo que 12 pertenciam a núcleos de favelas (várias delas têm o nome favela no próprio nome da entidade). As entidades que se destacam e conseguem ir além dos jornais de bairros são as localizadas nas áreas nobres, tais como: Sociedade de Amigos Cidade Jardim, Sociedade Amigos de Bairro do Morumbi, Sociedade Moradores do Morumbi, Associação dos Moradores do Morumbi e Vila Suzana, Associação de Segurança e Cidadania, Conselho Comunitário de Segurança -Conseg/Morumbi, Associação Cultural e de Cidadania do Panambý etc. (observa-se uma ressignificação nos nomes das entidades: as mais recentes não se organizam mais como SABs mas como Centros Comunitários, Associação de Segurança e Cidadania, entidades culturais etc. Grande parte destas entidades representam as "áreas nobres" da região, classificadas até 2002 como Z1(uso estritamente residencial, com casas térreas ou assobradas). As associações de favelas localizadas em Paraisópolis, Real Parque, Jardim Panorama são as entidades comunitárias populares das favelas mais famosas da região.

A favela de Paraisópolis inovou em Julho de 2001 quando recriou sua associação de moradores, juntamente com a Favela Heliópolis- a maior de São Paulo, sob a forma de uma "Prefeitura Local".O nome oficial da entidade é: União de Moradores de Paraisópolis e foi criada em 1983. Atualmente são realizadas eleições na associação a cada dois anos. Um ex- presidente da associação foi também presidente da Federação das Favelas de São Paulo, em três mandatos, e conseguiu eleger-se vereador em 2005 pelo PSDB, mas não se reelegeu em 2008. Nos últimos anos a favela Paraisópolis, ou a comunidade de Paraisópolis, como preferem ser chamados, tem sido

assediada por diferentes grupos políticos partidários que atuam junto a suas associações comunitárias. Com isso, as demandas têm se politizado e saído do plano apenas local para abranger problemas de ordem mais geral, e estrutural, como emprego. Assim, durante a campanha eleitoral de 2008, por exemplo, a União de Moradores sistematizou em três reivindicações suas demandas, a saber: urbanização com garantia de moradia para todos, educação (da alfabetização à universidade), e qualificação no emprego com carteira assinada. A União tem atuado desde 2003 no campo da educação – tanto para alfabetização de adultos como na oferta de cursos para qualificação profissional, em parceria com a CGTB-Central Geral dos Trabalhadores do Brasil e a União Municipal dos Estudantes Secundaristas-UMES. Cursos de Técnicas Administrativas, Informática, Manutenção de Computadores e Operador de Telemarketing são ministrados para jovens, que depois são encaminhados para o CIEE-Centro de Integração escola Empresa.

O setor educacional é crítico na favela de Paraisópolis. Em 2008 havia ainda 5000 crianças fora das escolas. Um CEU-Centro Educacional Unificado com 1300 vagas foi construído no final desta década. Em 2009, dados indicaram que 54% da população tinham apenas o ensino fundamental, e apenas 7% entraram na faculdade (Datafolha, 2007).

Em 2005, por meio de um projeto de urbanização da prefeitura municipal e contando com o apoio de dados da SEHAB, “descobriu-se” que a favela tinha 15 mil analfabetos, cerca de 19% da população. A União de Moradores, com apoio inicial de jovens do Rotary Club de Campo Limpo, criou o projeto Escola do Povo em 2007, logo seguido do apoio de programas governamentais, federal (Programa Brasil Alfabetizado), estadual e municipal, apoio do Banco do Nordeste, parcerias com inúmeras entidades e organizações, inclusive comerciais, como o Carrefour, Casas Bahia, etc- esta última inaugurou uma unidade dentro da favela em 2008. A Caixa Econômica Federal inaugurou em 2007 um terminal na favela. Tem obtido apoio também do Jôquei Clube de São Paulo, restaurantes da região, e lojas do Shopping Jardim Sul. O projeto tem até um “padrinho”- o jornalista Chico Pinheiro, que acabou conferindo-lhe notoriedade na mídia, sendo noticiado no Bom Dia Brasil, na Record, Rede Globo etc.. Há uma cartilha e as professoras são remuneradas, assim como algumas organizadoras do projeto. Em 2007, quando a escola iniciou-se, foram mobilizadas 600 alfabetizadoras, 15 coordenadoras e 30 supervisores. A escola tinha neste ano 1040 alunos distribuídos em 52 turmas. O programa cresceu tanto que extrapolou a capacidade da União desenvolvê-lo em sua sede e passou a ocupar outros espaços como ONGs, igrejas, garagens, danceterias, salas da unidade do Einstein que funciona na favela etc. O projeto de alfabetização dura seis meses e funciona duas vezes por semana, com aulas de três horas. Há propostas para a continuidade do ensino fundamental, conclusão do ensino médio, assim como um convênio com o Instituto Mackenzie para vagas no Prouni. Esta universidade mantém também um cursinho pré-vestibular na favela.

A escola do Povo não é criação da Paraisópolis. Em 2008 havia 15 sub-sedes dela em São Paulo, atuando em sedes de Associações de Moradores, funcionando em vários turnos. Destaca-se na Escola do Povo o apoio da Confederação das Mulheres do Brasil-CMB, entidade fundada em 1988, assim como o apoio da Federação das Mulheres Paulistas-FMP, criada em 1981- a primeira federação de mulheres fundada no Brasil na era movimentalista dos

anos 80. A favela tem também um movimento de mulheres- a Associação de Mulheres de Paraisópolis. A União dos Moradores criou também em 2008 uma Cozinha Comunitária. A idéia é profissionalizar moradoras da favela e a comida produzida, é distribuída em marmitas. O projeto funciona a partir de doações. O Congresso Nacional Afro-Brasileiro CNAB- criado em 1995, é outra entidade que apóia a Escola do Povo. O projeto ganhou o prêmio em 2007, da Revista Dolce Vita na categoria “Ação em educação & Cultura”. A Escola do Povo mobiliza também jovens, da própria Paraisópolis e de fora da favela, em congressos juvenis, a exemplo do I Conferência da Juventude de Paraisópolis, ocorrida em 2008. Os jovens representavam, em 2008, 31% da população local. Tendências políticas da esquerda presentes entre organizações de jovens no plano nacional, como o MR8, tem atuado junto a estes congressos e eventos juvenis, principalmente via a UBES- União Brasileira dos Estudantes Secundaristas.

Em 2009 entrou em fase de captação de recursos um projeto para uma nova sede da União dos Moradores de Paraisópolis, idealizado pelo arquiteto Franklin Lee. Com salas, quadra esportiva, anfiteatro e até horta comunitária, a ideia é criar um tipo centro cultural que acolha os inúmeros projetos sociais lá desenvolvidos - como biblioteca comunitária, a capacitação profissional, alfabetização de adultos da Escola do Povo e cursos pré-vestibular. A nova sede deverá ainda promover atividades sócio-educativas e culturais para a população. O projeto já tem o aval da Secretaria Municipal de Habitação. Há duas coisas interessantes na história deste projeto: sua localização e o arquiteto que o projetou- filho de um ex-proprietário de lote na região onde a favela cresceu. Ao lado da nova sede haverá também hortas comunitárias, outro projeto da associação. O território onde se localizará a sede da União é emblemático- fica em um terreno AL lado de um “escadão” de 183 degraus, que liga a favela à Av. Giovanni Gronchi- principal avenida que corta a região do Morumbi. Este escadão foi construído após muitas demandas e lutas pois a maioria do terreno da favela fica num grande buraco, as margens da Av. Gronchi. Como a maioria dos moradores trabalha na própria região do Morumbi, o acesso às ruas do bairro ou aos principais pontos de ônibus, é feito por este escadão. No site Paraisópolis o projeto da nova sede é apresentado como “No ano passado (2008), o projeto da União dos Moradores de Paraisópolis ficou entre os 12 finalistas do Deutsche Bank Urban Age Award, uma premiação que, naquele ano, selecionou trabalhos que apresentaram soluções criativas para problemas de São Paulo. A sede da associação foi escolhida entre 133 projetos. Mas quem ganhou o prêmio de U\$ 100 mil foi o programa de revitalização de um cortiço do centro da capital”(www.paraisopolis.org)

A favela Paraisópolis destaca-se no conjunto das existentes em São Paulo não apenas pela sua origem (um loteamento particular que foi invadido aos poucos), e pela sua localização –encravada junto a mansões e condomínios de luxo ou básicos- de moradia das camadas médias. Ela se destaca também porque tem o apoio de um conjunto de personalidades, empresas e empresários. O site já mencionava listou, em 2008, 41 entidades ou projetos sociais que atuavam na comunidade, alguns com sede outros não. Associações de Moradores ou de Amigos encontramos cinco e a mais ativa é a União de Moradores e do Comercio de Paraisópolis, que abriga os projetos

citados acima, assim como acolhe ONGs e outros movimentos sociais-como a Associação da Mulheres de Paraisópolis. No conjunto das entidades destaca-se também o Fórum Multientidades de Paraisópolis, o qual congrega as ONGs do bairro e foi criado em 1994. “São cerca de 25 entidades que operam em rede, com reuniões mensais nas diversas organizações em sistema de rodízio, objetivando fortalecer as iniciativas populares em Paraisópolis e os esforços para melhoria da qualidade de vida na região. Não tem filiação política, religiosa ou comercial” segundo informação divulgada no site www.paraisopolis.org

Associações de moradores de favelas, como a de Paraisópolis, conseguem algum espaço na mídia pela sua densidade populacional, ou quando ocorrem desastres- fogo, deslizamentos na época das chuvas, crimes e sequestros relâmpagos. Em 2001 houve um grande incêndio na favela e 79 famílias perderam suas casas. Em 2002 o incêndio ocorreu no Jardim Panorama e 742 pessoas ficaram desabrigadas. Em 2009, uma rebelião relacionada a crimes e drogas levou a ocupação da favela pelas forças policiais. Foi o maior noticiário já feito sobre Paraisópolis na mídia, televisiva, On Line e escrita. Foi organizada uma grande operação policial que ocupou a favela por vários dias, após um grande motim e quebra-quebra. O motivo inicial noticiado foi uma rebelião de moradores, que fecharam avenidas importantes próximas à favela, atearam fogo em pneus, pedaços de madeira etc. em protesto contra a morte de um morador. 150 soldados da PM foram deslocados para o local e houve um conflito que durou seis horas, com tiroteios, prisões, barricadas, feridos, a favela ficou às escuras, entradas e saídas foram proibidas. As cenas da ocupação policial e resistência de moradores com barricadas de fogo, paralização do trânsito local etc. foram ao ar em jornal nacional, em chamadas na TV à moda de como são reportados acontecimentos de urgências e catástrofes.

Atualmente existe cerca de 50 entidades, entre associações, ONGs e instituições filantrópicas que desenvolvem projetos e trabalho social em Paraisópolis sendo a principal delas o Hospital Albert Einstein. O Programa Einstein na Comunidade foi criado em 1998 e possui um ambulatório hospitalar dentro da própria favela, além de um extenso programa de voluntariado com o Programa Einstein na Comunidade. Há também na Paraisópolis iniciativas louváveis de moradores como a de um morador que criou uma biblioteca para consulta pública aos demais moradores da favela. Nos últimos anos inúmeros projetos sociais tem se destacado em Paraisópolis, no campo da economia solidária, com pequenos empreendimentos para geração de renda, especialmente oficinas de costura para confecção de jeans reciclados. Os produtos são vendidos em Shopping Centers da cidade. Moradores da favela lutaram e conseguiram a concessão de uma rádio comunitária para ter espaço e alternativas de informação para a população local. Ela tem um jornal ‘Espaço do Povo’, uma publicação do Centro Cultural Espaço Jovem da Paraisópolis.

Há associações de moradores de favelas na região do novo Morumbi que são mais recentes, como a AMACOL- Associação de Moradores e Amigos do Jardim Colombo, criada em Março de 2002, ou mais antigas como a União dos Moradores do Jardim Colombo, e a Comunidade Jardim Colombo. As principais reivindicações dessas entidades são: canalização de córregos, bocas

de lobo, asfalto, obras para conter enchentes etc. Mas há também demanda fora do rol- infra-estrutura é a construção de uma biblioteca pública, algo notável se considerarmos o perfil dos moradores/associados da AMACOL. A favela do Real Parque demanda além de serviços na área da cultura, serviços na área da saúde. É interessante destacar que, a demanda na área da cultura em vilas e jardins populares (favelas ou não), contém uma racionalidade que nos espanta: eles demandam equipamentos que "ocupem" os jovens e adolescentes, que os afastem do mundo das drogas. Não demandam cursos que os profissionalizem com o seguinte argumento: não há emprego, na área da cultura os jovens se interessam mais, fala sobre o mundo deles. O *Hip hop* é muito mais valorizado do que um curso na área da marcenaria, por exemplo. O único curso que atrai os jovens e também capacita - os para uma função é o de computação.

Ao lado das associações das favelas, existem outras entidades de moradores de áreas predominantemente populares tais como: União de Moradores do Jardim Monte Kemel e Vila Belo, SAVIMO- Sociedade de Amigos da Vila Morse, Sociedade Amigos de Bairro do Jardim Adalgisa, Sociedade Amigos dos Jardins Independência e Jaqueline, Associação de Moradores do Jardim Vitória Régia etc.

Outras entidades associativas e religiosas que atuam no Morumbi e na Vila Sônia, são: MDDC-Movimento de Defesa dos Direitos do Cidadão, o CONSEG-Conselho de Segurança, a Casa da Cultura do Butantã, a Rede de entidades do Butantã na área da saúde, Fórum de Entidades do Butantã, o Centro de Convivência Nova Idade que funciona na Igreja São Benedito, na Vila Sônia, Mosteiro de São Geraldo de São Paulo, que administra o Colégio Santo Américo, o Movimento Defenda São Paulo - que atua em toda capital e tem grande espaço na mídia. Os dois distritos contam também com a atuação de inúmeras ONGs, com sedes e programas sociais na região. Destacam-se: Os Meninos do Morumbi, uma espécie de escola de educação não-formal para as crianças carentes do bairro. Ela funciona num amplo galpão, onde já existiu um super-mercado e é mantida, entre outras verbas, pelo filho do cantor Roberto Carlos, pelo grupo Pão de Açúcar, Banco Itaú etc. A Fundação Abrinq também atua na região via apoio aos Projetos Amigo da Criança, Casa da Criança, e Empresa Amiga da Criança. Outras ONGs já bastante conhecidas que atuam na região são: Fundação Gol de Letra, do ex-jogador Raí e Leonardo que oferece complementação escolar a 600 alunos de escolas (crianças e adolescentes), O Projeto Aprendiz, que conta com a colaboração de Gilberto Dimenstein, o Instituto Ayrton Senna também têm projetos sociais na região.

A Associação Comercial de São Paulo, secção Butantã tem atuado em projetos de reurbanização da região, especialmente da Av. Prof. Francisco Morato, a principal via de ligação bairro-centro da subprefeitura. O Banco do Brasil, a USP, o Jornal Estado de São Paulo, e o SEBRAE também atuam em programas sociais e projetos localizados de reurbanização como as marginais do Rio Pinheiros. O Instituto de Cidadania Empresarial - ICE, entidade formada por vários empresários paulistas, desenvolve desde 2001 o Projeto Casulo, no

Programa de Desenvolvimento Comunitário do Real Parque e Jardim Panorama.³

A Participação dos Moradores do Novo Morumbi e da Vila Sônia na gestão urbana

Na elaboração do Plano regional do Morumbi, elaborado em 2003, o problema principal demandado por pelas entidades que representam as áreas nobres diziam respeito do trânsito. Segundo um dos diretores das entidades citadas acima, "a região foi projetada para ser fechada em termos urbanísticos, mas hoje é um bairro de passagem, o que aumenta demais o trânsito local". Certamente que a liderança em tela se refere a partes do núcleo horizontalizado, de casas e grandes sobrados. Mas de fato as vias de transito local região, ou de ligação da região com as áreas mais centrais, são praticamente as mesmas de décadas atrás, quando o bairro não havia se verticalizado, ou seja: a Av. Giovanni Gronchi, Marginal Pinheiros, João Dias e Av. Morumbi. Foram criados novos acessos à região como os túneis sobre o rio Pinheiros, na altura da ponte da Cidade Jardim; a interligação do novo Morumbi com a marginal Pinheiros na região do Shopping Jardim Sul-passando ao lado do Panamby e do Parque Burle Marx.; e a linha 5 do Metrô do Capão Redondo (periferia) à Santo Amaro, e depois indo até a Chácara Klabin. Mas o grande problema atual é o fluxo de carros, a falta de alternativas na malha viária. E, dado a escassez de linhas do Metrô Paulistano, as camadas médias não utilizam o Metrô como no exterior: por que não há em seus bairros, ou porque é um transporte visto como para "o povo" (exceto a linha Ana Rosa- Av. Paulista- Clínicas-Vila Madalena).

Os moradores do Novo Morumbi demandaram, no Plano Diretor em 2003, a construção de uma nova ponte sobre o Rio Pinheiros, entre os trechos da ponte do Morumbi e a da João Dias, um túnel sob a Av. Giovanni Gronchi ligando a Av. João Dias até a Av. Francisco Morato, na altura da Vila Sônia.. Demandaram também uma regulamentação sobre a abertura de supermercados e estabelecimentos comerciais na região: formularam a sugestão de proibir os que tenham menos de 1.000 m². A ponte foi construída- duas aliás; uma delas, inaugurada em 2007, a ponte estaiada jornalista Otávio Frias, apresenta-se como marco da arquitetura, e rapidamente transformou-se num dos cartões postais de São Paulo.

Para agravar o tráfego na região, para além da densidade populacional, há um grande número de escolas particulares tradicionais e famosas em São Paulo como o Colégio Santo Américo, Colégio Visconde de Porto Seguro,

³ O ICE desenvolve projetos nas áreas de educação, saúde, saneamento, lazer etc. Na área de "Desenvolvimento Comunitário: O Projeto Casulo tem o objetivo de potencializar os grupos formais e informais da comunidade, através de ações político-educativas centradas no desenvolvimento local. Pretende contribuir para a viabilização de novos ativos, formação de agentes sociais e lideranças comunitárias capacitando-os como articuladores e implementadores de ações para o desenvolvimento de sua comunidade. Pretende ainda criar um Conselho Gestor tripartite, com representantes do Poder Público, da Iniciativa Privada e da Comunidade, que assumirá integralmente a gestão do Casulo no prazo de cinco anos." Doc. Instituto Cidadania Empresarial.

Colégio Nossa Senhora do Morumbi, Graduated School, Colégio Miguel Cervantes, Colégio da Gávea, Colégio Sabin, etc. Só nos subdistritos do Morumbi propriamente dito e da Vila Andrade há: 19 escolas particulares grandes e 8 públicas; há também hospitais famosos como o Albert Einstein, e o São Luiz, além do próprio trânsito diário ao Palácio do Governo. Os moradores da região nobre reivindicam a construção de uma Av. paralela à Av. Giovanni Gronchi -o que é um problema social porque implica em desalojar parte dos moradores da favela Paraisópolis, além de mais uma ponte para atravessar o Rio Pinheiros. Há ainda no bairro córregos não canalizados e problemas de alagamento na época das chuvas ao redor do estádio Cícero Pompeu de Toledo, do São Paulo Esporte Clube.

A defesa do verde, principalmente em áreas que ainda não foram devastadas, é a segunda maior reivindicação dos moradores das áreas nobres. A diferença é que eles não ficam apenas no discurso ou reivindicação da preservação do verde: eles assumem obras de reurbanização, fazem parcerias com a subprefeitura e urbanizam praças. Há também uma grande articulação contra a verticalização disfarçada dos bairros nobres: casarões que ocupam grandes terrenos têm sido adquiridos por grandes incorporadores que constroem condomínios horizontais de casas térreas ou sobrados. Em alguns casos, um lote gera 8 ou 10 novas moradias, algumas de alto luxo, preços altos e uso de tecnologia informatizada em seu interior. Segundo os líderes de entidades de moradores, este tipo de moradia trará a degradação ambiental porque aumentará o fluxo de pessoas e de carros, havendo perda da qualidade de vida que eles defendem, considerada como sendo dada por: grandes áreas verdes e reduzida poluição. O preço que dizem pagar por essa qualidade é o isolamento, distância, falta de segurança e problemas de trânsito.

Os representantes das associações das favelas locais tem outras prioridades. Assim, o presidente da União de Moradores e do Comércio de Paraisópolis - outra novidade dos anos 90 no associativismo urbano das camadas populares porque inclui a representação dos moradores junto com a dos comerciantes, demandam a reurbanização da área, centros de lazer e a abertura de ruas sem saída que cortam a favela Paraisópolis e não tem acesso à Giovanni Gronchi. Para a maioria das favelas, saneamento é a prioridade atual, principalmente a canalização de córregos. Para a Favela de Paraisópolis, já bastante urbanizada, reivindica-se equipamentos de lazer pelo fato de não se ter nenhuma praça ou área para a prática de esportes e outra recreação. Em 2008, a favela também gerou uma inovação neste setor ao organizar um setor de esportes e sua participação no Programa Circuito das Corridas Populares. A corrida foi em ruas da própria favela, mas teve treinos e treinador.

Assim como ocorre no Rio de Janeiro, os chefes dos grupos que atuam na ilegalidade tem um papel de "benfeitores" chegando inclusive a organizar o asfalto ou cascalhamento em algumas ruas. O silêncio dos moradores é a contrapartida pelas melhorias realizadas.

Todo o cenário descrito está, ao final desta década, sofrendo alterações a partir das novas orientações e regulamentações advindas do Estatuto das Cidades. Este documento, transformado em lei nos primeiros anos deste século, disciplina que cada município deverá cuidar de suas áreas com habitação subnormal ou irregular.

Observa-se que, se a política citada for efetivada, de fato, favelas como as regiões do Morumbi deverão, necessariamente, dialogar com os vizinhos

para a delimitação da região fundiária e outros temas (com os ricos das mansões" e/ou proprietários das glebas de terras onde estão instalados), assim como definir quem os representará nesses diálogos. Certamente que as Sociedades Amigos de Bairros ganharão vida e luzes da mídia neste processo. Algumas entidades já estão caminhando nesta direção como o Instituto de Cidadania Empresarial-ICE que inaugurou, em 2003, um projeto na favela Real Parque e propôs um Conselho Gestor tripartite para administrar o equipamento, composto de moradores (favelas e condomínios), poder público e técnicos e empresários do ICE.

Conclusões

Este texto faz parte de uma pesquisa em andamento. As principais conclusões até agora são: há um novo modelo de urbanização em São Paulo onde ricos e pobres convivem na mesma região, separados muitas vezes por um muro, uma avenida. O modelo da segregação em áreas periféricas não acabou, porque novas periferias continuamente estão se formando, em anéis concêntricos à cidade cada vez mais longe de suas fronteiras. Mas a pobreza que se estabeleceu nos anos 1960-70, em áreas consideradas como periferias na época, agora convivem com mansões e condomínios de luxo, a exemplo dos casos aqui retratados, na região do Morumbi. Os pobres garantem sua sobrevivência trabalhando no setor de serviço para os ricos ou camadas médias. E sobrevivem também graças as redes de sociabilidade que desenvolveram, entre parentes e "conhecidos da terra"- Nordeste brasileiro, no caso. Duas cidades convivem lado a lado, a dos pobres consegue alguns melhoramentos graças as ações solidárias e as redes de associativismo existentes. No caso da favela Paraisópolis esta rede inclui moradores, lideranças-que percorrem os caminhos já clássicos na política: presidente da associação de moradores, vereador etc. Há também a forte presença de agentes externos, de duas categorias-aqueles que desenvolvem ações sociais de diferentes tipos na favela (cerca de 50 entidades no caso de Paraisópolis), e os agentes que apóiam, financeiramente os projetos sociais ou via a mídia (jornalistas, radialistas, jogadores de futebol, fundações empresariais e outros agentes do Terceiro Setor).

Costurando este leque de relações, ações e projetos encontramos a presença do poder público-via programas sociais, como o bolsa família, Brasil Alfabetizado, ações na área da saúde, educação- via escolas de educação fundamental, assim como a ocupação/intervenção militar, na hora do conflito.Partidos e grupos político-partidários também atuam na favela, principalmente na programação com os jovens. Movimentos sociais, como das mulheres ou afro-descendentes convivem com associações, ONGs e outras entidades caritativas e assistenciais. Do ponto de vista da religião, todas as seitas e crenças são encontradas mas são os católicos que estão a frente com ações sociais via os mosteiros e colégios que possuem na região do Morumbi, assim como via trabalhos de instituições que contam com seu apoio, como a Cáritas.

Concluindo, este texto desenhou o cenário de uma região "famosa" e contraditória de São Paulo: o Morumbi. Local de moradia de ricos, e moradia e trabalho de pobres. A sociabilidade e solidariedade existentes contém elementos novos-advindos dos trabalhos sociais via projetos de intervenção/atuação social de ONGs e outras entidades do Terceiro Setor,

assim como elementos “antigos”, agora reciclados, como as formas tradicionais de participação-via associação de moradores, grupos político-partidários e uns poucos movimentos sociais propriamente ditos. Não se trata do dualismo tradicional e moderno, nem do velho e o novo. Trata-se de um novo amálgama onde um novo tipo de associativismo está nascendo, carregando elementos conservadores mas também pequenos grãos de inovações e possibilidades transformadoras. A Escola do Povo é um de seus exemplos.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2000.

AVRITZER, Leonardo (Org). *A Participação em São Paulo*. São Paulo, Ed. UNESP, 2004.

BLOCH, Janaina Aliano. *Movimentos de Moradia no Centro de São Paulo*. IDissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo., 2007

BÓGUS, Lúcia M.M. e TASCHNER, Suzana P. *A Cidade dos Anéis*. Cadernos de Pesquisa do LAP, no. 28, S.Paulo, FAU/USP. 1998.

CALDEIRA, Tereza Pires. *Cidades de Muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Ed. 34/EDUSP. 2000.

CALDERÓN, Adolfo C. e CHAIA, Vera.(orgs) *Gestão Municipal: descentralização e participação popular*. São Paulo, Cortez Ed. 2002.

CARLOS, Ana F. e OLIVEIRA, Arioaldo U. (orgs). *Geografias de São Paulo. A Metrópole do século XXI*. Vol 2. São Paulo, ed. Contexto. 2004.

CONFERÊNCIA DAS CIDADES, Carta de Convocação e Documento Final, São Paulo. 2001.

DAGNINO, E. OLVERA, A .J. e PANFICHI, A .(Orgs). *A disputa pela construção democrática na América Latina*. São Paulo/Campinas, Paz e Terra e Unicamp. 2006.

IBGE,. *Censo de 2000*. Rio, Fund. IBGE. 2002

INSTITUTO FLORESTAN FERNANDES. *São Paulo: dinâmicas e Transformações*.(CD), . 2001

FIPE- (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas). *Cortiços na cidade de São Paulo*. São Paulo, FIPE/USP. 1994.

FIX, Mariana - "A 'fórmula mágica' da 'parceria': operações urbanas em São Paulo - Cardernos de Urbanismo, Secretaria Municipal de Urbanismo, Rio de Janeiro, ano 1/ nº 3, 2000

FÓRUM Nacional de Participação Popular nas Administrações Municipais.1995. Poder Local, Participação Popular e Construção da Cidadania. São Paulo. Ed. Instituto Cajamar, Instituto Pólis, FASE e IBASE.

FÓRUM NACIONAL DE REFORMA URBANA. *Estatuto da cidade*. São Paulo.

GOHN, Maria da Glória. 1982. *Reivindicações populares urbanas*, São Paulo, ed. Cortez , 1999.

_____. *Teoria dos movimentos sociais*. São Paulo, Edições Loyola. 1997.

_____. *Conselhos gestores e participação sociopolítica*. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 2007.

_____. *Movimentos e lutas sociais na História do Brasil*.. 4ª ed. São Paulo, Loyola. 2008

_____. *Sem-terra, ONGs e cidadania*. , 3ª ed São Paulo, Cortez. 2003

_____. *Movimentos sociais e educação*. 7ª Ed.S. Paulo. Cortez. 2009

_____. (Org). *Movimentos sociais no século XXI*. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 2004

_____. O Protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGS e redes solidárias. 2a Ed. São Paulo, Cortez, 2008

MIAGUSKI, Edson *Os movimentos de moradia de São Paulo nos anos 90: entre a experiência democrática e o encapsulamento privado*. ITese Doutorado em Sociologia - Universidade de São Paulo.. 2008

POCHMANN, Márcio e AMORIN, Ricardo (Orgs). Atlas da exclusão social no Brasil. São Paulo, Cortez, 2003.

RICCI, Rudá..Associativismo Paulistano e Cultura ambivalente in AVRITZER, Leonardo (Org). A Participação em São Paulo. São Paulo, Ed. UNESP, 2004

SANTOS, Boaventura S..(Org) Democratizar a democracia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2002

SOUZA, Maria Adélia. A identidade da metrópole. Verticalização em São Paulo. São Paulo, EDUSP. 1999.

TASCHNER, Suzana P. Desenhando os espaços da pobreza. Cadernos de Pesquisa LAP.no. 39. São Paulo, FAU/USP. 2004.

TEIXEIRA, Elenaldo. O Local e o Global-limites e desafios da participação cidadã. S. P. Cortez Ed. 2001.

TOURAINÉ, A. Podremos vivir juntos? Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica. 1997.